

A paisagem belmiriana: da rua erê à seção de fomento

letrônica

Alice Spitz¹

O percurso de *O Amanuense Belmiro* na história da literatura nacional não se caracteriza por uma trajetória muito linear. Muito pelo contrário, o romance foi recebido tanto pela crítica, como pelo público, com entusiasmo que consagra uma obra à posteridade. Com o passar do tempo, no entanto, isso não acontece.

Certamente Cyro dos Anjos recebeu as honras oficiais substituindo Manoel Bandeira na Academia Brasileira de Letras. Mas o romance que *modestamente* reflete as transformações da vida moderna e que deu vida a um dos mais representativos personagens da urbanidade brasileira foi sendo relegado a uma espécie de curiosidade literária. Aos poucos, o livro passou a ser cultuado por alguns como peça de colecionador e esquecido do grande público.

A *modéstia* de Cyro não pode ser vista apenas como um traço do seu caráter pessoal que transparece claramente em suas entrevistas, mas também, na sua sábia *modéstia literária*. Antonio Candido viu no romance ecos de grandes autores que foram “cuidadosamente lidos ou harmoniosamente incorporados ao patrimônio mental” (CANDIDO, 1992, p. 80).

E no entanto, toda essa erudição em momento algum torna-se explícita na narrativa de *O Amanuense Belmiro*. Cyro dos Anjos usa todos os recursos da prosa moderna, porém, os esconde ou disfarça com um domínio de mestre, fazendo a história fluir através da prosaica vida do amanuense como se fosse apenas uma vida comum, de

¹ Alice Spitz é graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

um homem comum, dividido entre as míticas reminiscências do passado e a ausência de sentido de um presente igualmente comum.

Às voltas com idéia de escrever, Belmiro não se poupa da auto-ironia. Jandira, a amiga que está grávida, lhe pergunta por que escrever mais livros, já que existem tantos. Mais tarde, ele reconhece o argumento de Jandira, mas mesmo assim, não desiste do intento:

O melhor seria vivermos sem livros, mas o homem não é dono do seu ventre [...] Jandira acredita que não foi reservado a mim deixar à posteridade qualquer importante mensagem. Deve ter razão: se cá dentro deste peito celibatário tem havido coisas épicas, um Belmiro (que costuma assobiar operetas) insinua que as epopéias de um amanuense seu lugar justo é dentro da cesta. (ANJOS, 1966, p. 50)

Este humor amargo, de quem sente que “vida parou” e vai buscar nas lembranças do passado um abrigo existencial, não tem sequer o sabor de uma recompensa inteira. A lembrança de Montaigne vem-lhe à memória com seu bom senso: “A alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando lhe faltam os verdadeiros.” (ANJOS, 1966, p. 13).

O estranhamento de Belmiro ao sentir-se deslocado como homem de seu tempo é descrito por ele mesmo ao ceder um impulso de reunir-se a multidão numa noite de carnaval:

Quero rir, chorar, cantar, dançar ou destruir, mas ensaio cada gesto, e o braço cai, paralítico. [...] A multidão me revela assim, que há coisas extraordinárias, vibrações estranhas, há um mundo diverso do meu e com o qual tentarei, em vão comunicar-me. [...] Habituei-me a uma paisagem confinada e a um horizonte quase doméstico. No seu âmbito poucas são as imagens do presente, e muitas do passado. E se tal vida é melancólica, trata-se de uma sorte de melancolia a que meu espírito se adaptou e que, portanto não desperta reações. (ANJOS, 1966, p. 18)

Pobre Belmiro! Dois dias depois já está ele contradizendo-se ao registrar em suas anotações, “Aconteceu-me ontem uma coisa realmente extraordinária.” (ANJOS, 1966, p. 18). De novo deixa-se atrair pela multidão e é arrastado pela “liturgia pagã”, é nesse momento que o amanuense se depara com a nova musa que vai substituir a mítica Camila da juventude no interior. Durante alguns segundos, girando na roda humana, ela segura a sua mão e ele se deixa enternecer pela doce visão da donzela:

Pareceu-me que descera ate mim a branca Arabela, a donzela do castelo que tem uma torre escura onde as andorinhas vão pousar. Pobre mito

infantil! Nas noites longas da fazenda contava-se a história da casta Arabela, que morreu de amor e na torre do castelo entoava dobridas melodias. (ANJOS, 1966, p. 20)

Na busca do tempo perdido, Belmiro remonta às histórias de amor cortês, e embora consciente dos seus devaneios, exclama: “mas que vivam os mitos, que são o pão dos homens.” (ANJOS, 1966, p. 20). Sabe que Arabela, que na verdade se chama Carmélia, está de núpcias marcadas.

Ela é mais um delírio platônico, mesmo assim, ele deleita-se com a lembrança e a imagem da moça em flor. Em seus devaneios, anseia que a luz sobre a verdade não faça os sonhos se desvanecerem e que a claridade, “converta-se em fraca luz de crepúsculo, para que as coisas se tornem indefinidas e possamos gerar nossos fantasmas. Seria uma forma fórmula para nos conciliarmos com o mundo.” (ANJOS, 1966, p. 21). Belmiro, que às vezes parece apenas patético, surpreende-nos ao denunciar suas próprias armadilhas.

Do ponto de vista do romance, Cyro faz um sofisticado jogo narrativo, pois ao criar Belmiro e dotar-lhe de índole sonhadora e espírito lírico, também lhe cobra a lucidez que o faz confessar que “estiliza o sofrimento” (ANJOS, 1966, p. 23).

Assim, o autor, que confessa ter traços do personagem, deixa-se levar por ele até certo ponto. Habilmente o recua e exige de seu personagem os rumos do bom senso. Como um jogo de espelhos, as várias faces de um amanuense sem importância, porém sensível, refletem-se entre si, criando um fluir de consciência que somente a prosa segura, elegante, coesa e poética de Cyro dos Anjos é capaz de sustentar.

O amor platônico por Carmélia Miranda não impede que Belmiro invista em mal sucedidas tentativas de aproximação. Enchendo-se de coragem, ele vai a um baile que lhe deixa uma miserável sensação de aposentadoria: “O serviço público não jubizou ainda este burocrata mestre. Mas a vida está me encostando, nem há dúvida. Se algum dia caírem estas linhas sob os olhos de alguém, rirão da minha literatura sentimental” (ANJOS, 1966, p. 43). Mais uma vez, o autor usa de um recurso narrativo que insere a prosa em forma de diário, que ironiza o texto que ele próprio está escrevendo.

O Amanuense Belmiro é um grande livro também pela capacidade de Cyro em armar pequenas armadilhas, fazer humor ou críticas nas entrelinhas, sem perder o ritmo que poderia fazer com que o leitor menos culto perdesse o interesse.

Ao mencionar uma certa “inquietação fáustica” (ANJOS, 1966, p. 50), no dia em que Belmiro completa 38 anos, o personagem logo se corrige: “Grande coisa é

encontrarmos um nome imponente, para definir certos estados de espírito. Não se resolve nada, mas ficamos satisfeitos. O homem é um animal definidor” (ANJOS, 1966, p. 50) .

No entanto, é absolutamente sério quando se auto-intitula um “profissional da tristeza” (ANJOS, 1966, p. 50), ou se define como um melancólico de “origem cósmica” (p. 50). Belmiro Borba pode ser comparado a Kafka (que também tinha humor), ou a tantos outros personagens europeus do século vinte, cuja vida empata com o próprio destino. Cyro que inclusive escreveu um livro de ensaios literários, *A Criação Literária*, certamente tinha conhecimento desta literatura que se propôs a falar do anti-herói. Ele nos fala deste perdedor brasileiro e mineiro com um senso de lirismo comparável e com “dignidade humana tão grande, à poesia de Manoel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade”, como afirma Antonio Candido (1992, p. 82).

“E assim vai a vida...”: é com essa frase, que mais se parece com uma exclamação, que Belmiro abre o capítulo 32, cujo título é, “Os Acontecimentos Conduzem os Homens”. Depois de comentar as intenções de escrever um livro de memórias, o amanuense acaba admitindo:

que o presente pudesse vir a dominar-me o espírito por forma tal, dele expelindo as imagens do passado. [...] Em vão, tento uma sondagem em Vila Caraíbas, naquele ano extraordinário de 1910. Baldo esforço: como resistir a personagens e fatos que, a cada instante, incidem no plano de nossa consciência ? Às vezes ainda me vem a necessidade angustiada de rever antigas paisagens, evadir-me para uma região que realmente já não se acha no espaço, e sim no tempo. Mas , no comum dos dias, agora é o presente que me atrai. (ANJOS, 1966, p.70)

Simbolicamente, Belmiro se despede de um Brasil de glorioso passado rural, onde, por décadas os Borbas reinaram absolutos na “fazenda, grande, poderosa como um estabelecimento público.” (ANJOS, 1966, p. 10) Eis a grande traição ao clã: nem mesmo agrônomo ou agrimensor, mas burocrata. Assim revela Belmiro ao manifestar o seu sentimento de culpa: “Sinto muito avós. Eu não podia ouvir uma sanfona. Tocavam a Varsoviana e eu me dissolvia” (p. 10).

Ao invés de dedicar-se às lidas da gleba Belmiro, para desgosto do pai, toma o rumo da capital mineira, onde vai dividir-se entre a aborrecida burocracia da Seção de Fomento e as mesas de chope, onde com meia dúzia de camaradas, entrava a madrugada em tertúlias literárias ou filosóficas. A fauna era variada, indo do amigo e comunista Redelvin ao católico e conservador Silviano. As críticas de Redelvin a Belmiro,

chamando-o irritado de “pequeno burguês” que só fazia “cuidar da própria pele”, deixava-o aturdido e melancolicamente cívico:

Sou apenas um falido poeta lírico e rir-se-ão das idéias, que me vêm, sobre o problema. Elas não são, aliás, muito claras e comumente se manifestam contraditórias. Ao final de uma das páginas que ficaram para trás já lhes contei o que passa em mim, sempre que começo a meditar: perco-me num labirinto de antinomias (ANJOS, 1966, p. 53).

Em outra ocasião, quando Redelvin volta à carga, desta vez mais incisivo na sua cobrança de posicionamento, Belmiro responde recuando ao nomear-se inofensivo:

- Afinal, que é que você é , na ordem das coisas? Perguntou-me.

- Talvez um “individual socialista”, respondi para lhe satisfazer. Você, tão lógico, tão seguro de suas idéias, não vai achar sentido nisso; o certo é que não encontro vocábulo que me defina. Talvez estes dois juntos me tirem do embaraço. Se vier a revolução, não é preciso, porém, que me deportem ou me fuzilem. Sou um sujeito inofensivo para todos os regimes [...] (ANJOS, 1966, p. 86)

Como era comum à época entre os intelectuais, Cyro dos Anjos foi um servidor público durante toda a sua vida, mas ao contrário de seu personagem, fez carreira ocupando cargos importantes em diversos governos. Apesar do inevitável envolvimento indireto com a política, não existem vestígios de que Cyro tenha sido homem de Partido e é bem provável que, na pele de Belmiro tivesse o mesmo sentimento para com Redelvin.

Também não levarei a sério as declarações que me fez pela manhã. Jamais acreditei no seu ativismo partidário. E ele me parece mais um anarquista, que comunista. Um anarquista lírico, que não dá para atirar bombas nem praticar atentados. Este nosso anarquista tropeçará sempre no coração, que é terno, *malgré lui* (ANJOS, 1966, p. 54).

Belmiro acha que o homem está condenado à derrota porque sempre almeja mais do que pode alcançar. Enfim, pela palavra de Cyro ou do derrotado amanuense, o romance tem inequivocamente um tom onde predomina o niilismo, mesmo que esse nos chegue através do olhar poético.

No silêncio da velha “imutável” casa da Rua Erê, Belmiro inveja a quietude dos móveis que o cercam, desejando “possuir o espírito pacífico das coisas” (ANJOS, 1966, p. 168), mas sabe que pensar assim é um artifício inútil; “A quietude suaviza os meus

ardores, mas não me dá o desejado repouso [...] Paz física da rua Erê, pó que não te transformas em paz de espírito?” (ANJOS, 1966, p. 169).

Como em outros capítulos do livro, o título quase sempre contém em si mesmo, a essência da narrativa. O de n. 83, por exemplo, chama-se a “Vida se Encolhe”, onde Belmiro faz um balanço do seu Diário:

Não havendo outras, uma vantagem encontraremos em deixar no papel o registro dos acontecimentos de nossa vida: veremos surgir aos nossos olhos, para instrução e advertência nossa, um ser bem diferente daquele que supúnhamos encarnar [...] que desconhecimento de nós próprios. (ANJOS, 1966, p. 171)

Depois de enumerar os amigos que, por um motivo ou outro se afastaram, ou tomaram outro rumo, ele fala da solidão que o cerca. Em seu estilo “belmeriano”, recatado de aparência, mas de interior grandiloquente, ele confessa: “Às vezes não encontro lugar que me sirva, ando, ando como um Judeu Errante. Não procurarei os amigos: se não me aparecem é porque já não me querem. Creio que já escrevi tudo o que havia em mim para escrever” (ANJOS, 1966, p.172).

Com a saída do único amigo da Seção do Fomento, Belmiro já não tem com quem conversar: “e isso é grave para uma pessoa que foge de conversar consigo mesma. Volto a preocupar-me com a velha questão: que vim fazer neste mundo? Serei, mesmo apenas o tal arbusto da chapada?” (ANJOS, 1966, p. 180). Aos poucos, vida se encolhe e Belmiro Borba também.

Tendo verificado que se esgotara minha provisão de papel, Carolino me trouxe esta manhã uma porção de blocos. Sangrou rudemente o almoxarifado as Seção do Fomento...

Providente e providente amigo! Esqueceu-me comunicar-lhe que já não preciso de papel, nem de penas, nem de boiões de tinta. Esqueceu-me dizer-lhe que a vida parou e nada há mais por escrever(...) Que faremos, Carolino amigo? (ANJOS, 1966, p. 187)

Em certa altura, em entrevista que Cyro deu a Edla Van Steen, ele se auto define como um “escritor menor”. Ao comentar o livro *Montanha*, ele se refere à “ambições de escritor menor que, sabendo-se menor, nem por isso deixa de tentar o que pressente acima de suas forças” (ANJOS, apud STEEN, 2008, pg. 115). Pode-se até admitir que, no caso do referido romance, Cyro tenha se aventurado por regiões onde a paisagem lhe era hostil já que o resultado tenha um saldo negativo.

O mesmo não se pode dizer do *Amanuense*, onde, sem nenhuma dúvida, estamos diante de um autor maior. Reiterando as palavras de Sábato², que diz que mesmo que ele tivesse escrito apenas este livro inaugural, o seu nome, obrigatória e necessariamente, teria de figurar entre os mais importantes romancistas do século passado.

O Amanuense Belmiro é um livro que engana aos desavisados. As soluções narrativas empregadas para falar de uma consciência atormentada, sensível e complexa, nem sempre está na superfície do enredo. Em muitos casos, o romance moderno prefere “pensar” ao invés de agir e como diz o próprio Belmiro, “o homem é um animal definidor” (p. 50).

Nosso burocrata age muito pouco ao longo do romance, hesita entre voltar-se para o passado e escrever sobre a sua mítica (e mitificada) Vila Caraíbas, ou ater-se ao presente, onde a coisa mais excitante que lhe pode acontecer é alimentar uma paixão platônica ou encontrar-se com meia dúzia de amigos e discutir afinidades literárias, políticas e filosóficas.

Como explicar então que um livro com este conteúdo tenha ganho a simpatia do público? A própria explicação de Cyro, que aponta certo cansaço da literatura regionalista, não chega a justificar totalmente o interesse pelo romance. O que parece inquestionável é que o autor mineiro acertou no tom, *falando* a mesma língua de grandes poetas, que sempre tiveram a simpatia do leitor comum. *O Amanuense* é de um romance lírico, onde Belmiro, mesmo em seus piores momentos de negação da vida, encontra poesia para descrevê-los.

Por outra via, também podemos especular sobre a necessidade do brasileiro mediano, da pequena e media burguesia, verem-se retratados de forma tão realista e ao mesmo tempo carinhosa em nossa literatura. O perdedor que Belmiro Borba encarna, certamente encontrou ressonância em milhares de *barnabés* espalhados pelas capitais brasileiras, quase todos vindos do interior e que, possivelmente, também sonharam com alguma Arabela que se casou com outro.

Para o leitor mais atento e culto, *O Amanuense* é uma espécie de labirinto subjetivo, que o convida a decifrar enigmas e charadas sofisticadas que remetem a toda complexa estrutura da narrativa moderna. São os tais “ecos de Bergson, Proust, de Amiel” (CANDIDO, 1992, p. 80) aos quais se refere Antonio Cândido. A já também

² In: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1863&sid=393&tpl=printerview>

referida “literatura estrategista” é onde o pensamento e a reflexão juntam-se ao instinto e o humor do poeta para construir uma obra de um equilíbrio frágil, sempre tangenciando o abismo, mas seguindo em frente até a última página sem desafinar. Segundo Luís Bueno, *O Amanuense Belmiro* é:

[...] um livro difícil. A impostura, às vezes voluntária, às vezes não, disfarçada ou diluída numa consciência que se quer vigilante e abarcadora, é a marca principal de seu narrador em primeira pessoa. Todas as conclusões parecem apenas provisórias para o leitor, que não sabe bem o que está ali para despistá-lo, o que está para que o narrador se despiste e se console e o que é, efetivamente, a confissão que o texto promete para o leitor e para o próprio narrador. (2006, p. 551)

Poderíamos chamar de metalinguagem a atitude de um autor que se serve de um outro imaginário, para intitular justamente o capítulo final da obra de “Ultima Página”? E pode haver ironia maior do que encerrar o livro quando o amanuense desiste de escrever, e o livro de Cyro dos Anjos começa a existir?

Em um determinado ponto do romance, Belmiro em conversa com sua amiga Jandira, referindo-se ao ato escrever um livro, comparando-o a um parto. O sócia que angustiava Cyro, precisava ter vida própria, antes que a criatura fosse longe demais em sua rebeldia e tomasse o criador como refém. Cyro dos Anjos não recuou diante do desafio, tomou o destino de Belmiro em suas mãos e criou um dos livros mais singulares da literatura brasileira.

É possível, e mesmo provável, que *O Amanuense Belmiro* seja a sua grande obra, onde Cyro tenha dito tudo que lhe ia pela alma atormentada, de quem investiga sem piedade como se laborasse numa “constante e dolorosa prospecção íntima” (ANJOS, apud STENN, p. 106).

Não por acaso, os nomes de Cyro e Belmiro permanecem associados durante toda a vida do escritor, da mesma maneira que existe um lado anedótico, de boatos nascidos entre rodadas de chope, numa Belo Horizonte ainda provinciana. Também é verdade que essa identificação com entre autor e personagem tem sua procedência biográfica, pois Cyro muitas vezes, ao longo de sua vida, reconhece-se como um “belmiriano”.

Na verdade, por mais distante que nossas vidas estejam da Seção de Fomento da Belo Horizonte de mais de meio século, todos carregamos nosso “Belmiro” interior. Cyro colocou no mundo um “tipo” que ainda não havia aparecido com tanto foco e nitidez na nossa literatura: Belmiro Borba, remanescente de uma certa aristocracia rural

decadente, abandona a gleba para viver na capital, onde se transforma num burguês associado à burocracia estatal, alimentando a vã esperança de tornar-se escritor. Neste sentido, Belmiro é o retrato fiel do anti-herói burguês intelectualizado, e, por isso mesmo consciente da sua condição trágica de perdedor.

Num certo sentido, o Belmiro de Cyro é quase tão importante quanto o personagem Leonardo de Manoel Antonio de Almeida que ousou colocar no seu romance, *Memórias de um Sargento de Melícias*, a “arraia miúda” do Rio de Janeiro, contrapondo-se às belas letras de um José de Alencar, em pleno reinado de D. João VI. O livro de Manoel Antônio de Almeida virou uma espécie de referência para o estudo dos tipos populares da época, sendo abordado por pesquisadores de várias áreas acadêmicas.

Por que não acontece o mesmo com *O Amanuense Belmiro*? Por que razão um livro que ao ser lançado alcançou tamanho sucesso de público e foi considerado como obra-prima vai lentamente desaparecendo da vida literária da nação? Certamente Cyro foi saudado com honras formais ao assumir o seu lugar na Academia Brasileira de Letras, mas não fosse o seu desempenho como grande homem público, as tais honras lhe seriam concedidas?

Como entender que uma obra de tamanha generosidade literária, desapareça das livrarias, não tenha uma edição comentada e seja ignorada pelo acervo didático das escolas brasileiras?

Cyro dos Anjos dedicou sua vida ao serviço público, servindo a diversos governos e instituições. Seria este vínculo uma razão para defini-lo como um homem do “sistema”? Teriam as opiniões políticas e a inaptidão do amanuense para a ação tornado personagem e autor vítimas de uma certa “patrulha ideológica”, por parte dos formadores de opinião, que a partir das décadas de trinta e quarenta do século passado, se alinham, quase que numa unanimidade, a uma visão de mundo claramente à esquerda? As consultas realizadas demonstram que existe um razoável acervo de dados sobre “biografia e obra” de Cyro dos Anjos, mas são raríssimos os textos com fôlego suficiente para acompanhar o autor num mergulho mais profundo no oceânico Belmiro Borba.

Referências

ANJOS, Cyro dos. *A Criação Literária*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro.

Letrônica, Porto Alegre v.2, n.1, p. 390, jul. 2009.

- ANJOS, Cyro dos. *A Menina do Sobrado*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.
- ANJOS, Cyro dos. *Abdias*. São Paulo, Círculo do Livro S. A., 1945.
- ANJOS, Cyro dos. *Explorações no Tempo*. Rio de Janeiro, Os Cadernos de Cultura, 1952.
- ANJOS, Cyro dos. *O Amanuense Belmiro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
- BARTHES, Roland. *A Morte do Autor*. São Paulo, Brasiliense/ Ed. Da Unicamp, 1988.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 2001.
- BRAYNER, Sonia. *Labirinto do Espaço Romanesco*. 1.ed. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979.
- BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo, Editora Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Brigada Ligeira, e outros escritos*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992 (biblioteca básica).
- MAGALDI, Sábato. *Cyro dos Anjos: O Amanuense Belmiro*.
In: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=1863&sid=393&tpl=printerview>
Consultado em 10/11/ 2008.
- MÁLAQUE, Keila Mara Sant`Ana. *O Amanuense Belmiro e o Gênero Diarístico*. In: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-12.html> Consultado em 10/11/ 2008.
- MENDILOW, A. A. *O Tempo e o Romance*. Porto Alegre, Globo, 1972.
- MILANESI, Vera Márcia Paráboli, *Cyro dos Anjos: Memória e História*. In: http://books.google.com/books?id=966ByPUUSzIC&dq=cyro+dos+anjos:+mem%C3%B3ria+e+hist%C3%B3ria.&printsec=frontcover&source=bl&ots=jfRpK-pKP1&sig=tThBA9_DOW2gP7FlGsgS15BwH40&hl=pt-BR&sa=X&oi=book_result&resnum=1&ct=result#PPP1.M1 Consultado em 10/11/ 2008.
- NOBILE, Ana Paula Franco. *A Recepção Crítica de O Amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*. In: http://books.google.com/books?id=8qcf2svccwoC&dq=A+recep%C3%A7%C3%A3o+Cr%C3%ADtica+do+amanuense+belmiro&printsec=frontcover&source=bl&ots=hXZkSSyDHo&sig=pBacr9F--udsMiSSvfuiAinvpEE&hl=pt-BR&sa=X&oi=book_result&resnum=1&ct=result#PPA1997.M1 Consultado em 10/11/ 2008.
- NOBILE, Ana Paula Franco. *Um Olhar Sobre a Filiação de Cyro dos Anjos a Machado de Assis*. In: http://www.assis.unesp.br/gpmrl/resumos_do_evento.doc Consultado em 10/11/ 2008.
- STEEN, Edla van. *Viver & Escrever 2*. 2.ed. Porto Alegre, L&PM Pocket, 2008.
- VALÉRY, Paul. *Introdução ao Método de Leonardo Da Vinci*. 1 ed. São Paulo, Editora 34, 1998.
- Letrônica**, Porto Alegre v.2, n.1, p. 391, jul. 2009.